

Para Figueiredo, fragilidade externa acabou

Diretor do Banco Central diz que a vulnerabilidade do País foi localizada

ARIOSTO TEIXEIRA

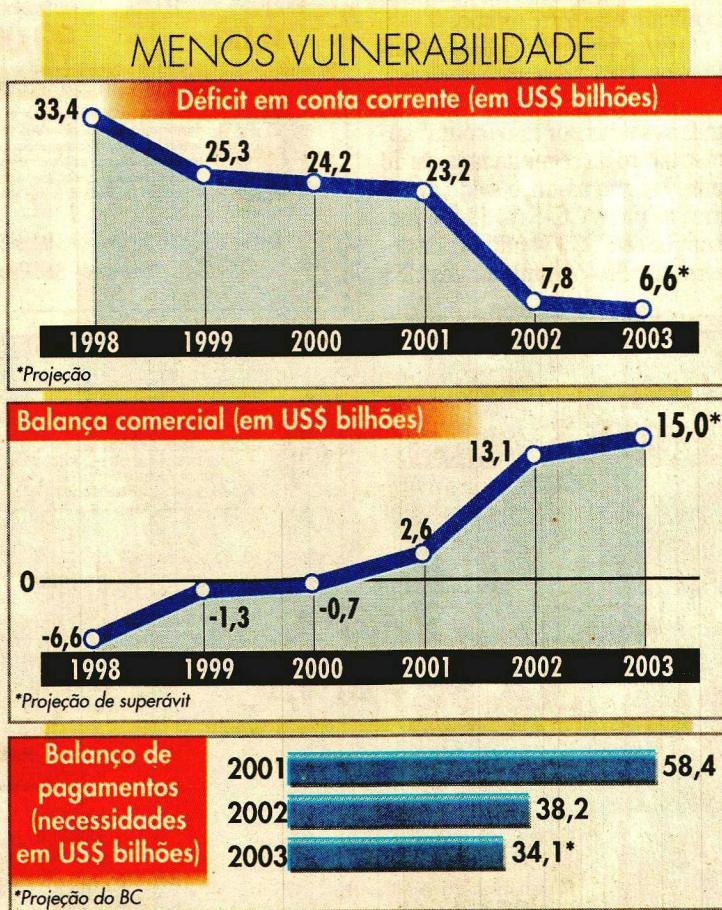
BRASÍLIA – O diretor de Política Monetária do Banco Central (BC), Luiz Fernando Figueiredo, disse que a vulnerabilidade do País por causa das necessidades de financiamento do balanço de pagamentos não existe mais.

“Essa fragilidade existiu, mas vinha sendo reduzida ao longo do tempo, e no ano passado esse processo se acelerou em virtude da crise e da desvalorização cambial”, afirmou.

Com os números espalhados na mesa, Figueiredo fez a mesma pergunta que dirigiu na semana passada a clientes-investidores do JP Morgan num seminário nos Estados Unidos: “Onde está a nossa fragilidade externa?” E respondeu: “Não dá mais para ver”.

Os principais pontos da entrevista concedida ontem à *Agência Estado* são os seguintes:

■ O que se diz é que a taxa de câmbio baseada numa cesta de 15 moedas está muito elevada em termos reais. O Brasil fazia um superávit comercial de US\$ 15 bilhões entre



1989 e 1994. Com a apreciação cambial depois de 1994, entramos na época dos grandes déficits até a desvalorização do real em 1999. Iniciou-se, então, um processo de ajustamento das contas externas. A projeção do déficit da balança comercial para 1999 era de US\$ 15 bilhões, mas ti-

vemos um déficit de US\$ 1,3 bilhão e invertemos o comportamento do comércio externo.

■ Em 1998, a conta corrente tinha uma necessidade de financiamento de US\$ 33,4 bilhões. As nossas necessidades de financiamento foram, em 2002, US\$ 20,2 bilhões meno-

res do que no ano anterior. Para 2003 estamos projetando a necessidade de US\$ 34,1 bilhões, caindo, portanto, mais US\$ 4 bilhões.

■ Saímos de compromissos de amortizações de US\$ 35,2 bilhões em 2001 para US\$ 27,6 bilhões neste ano, que é um número bruto, ainda. Ele será menor na prática em virtude da recompra de dívida feita pelo BC. Como nós não cancelamos ainda a dívida, ela consta das amortizações.

■ O investimento direto em 2001 foi de US\$ 22,5 bilhões, contra uma conta corrente de US\$ 23,2 bilhões, ou seja, quase 100%. Essa é uma situação saudável. Em 2002, a conta corrente desce para US\$ 7,6 bilhões. O financiamento da conta corrente, hoje, é quase um terço do investimento direto.

■ Onde está a nossa fragilidade externa? Não dá para ver. O Brasil nunca havia chegado a essa situação. É só olhar os números. Em 1998 chegamos a ter uma fragilidade importante. Ninguém imaginava que o Brasil tinha a capacidade de fazer um ajuste tão forte como fez, sem recessão. Não temos a fragilidade externa que muitos imaginam. A fragilidade externa acabou.

■ Não tivemos uma quebra de empresas, o que chegou a ser um receio em 2002. Que empresas quebraram por essas razões? (AE)